

VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: Uma revisão bibliográfica da literatura

Maria Fernanda Valentim Ferreira¹

Ana Cláudia dos Santos²

RESUMO

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica narrativa de base qualitativa e teve como objetivo analisar contextos de situações de violência nas escolas no país no período entre 2018 a 2024. Para isso como método foi realizada uma pesquisa com cinco (5) artigos coletados na base de dados Scielo que foram submetidos a leitura e análise dos dados a partir da técnica de análise de conteúdo. Foi desenvolvido categorias de análise para compor núcleos de significação e desenvolvidos seis (6) núcleos que tiveram como temas a relação da escola com a violência. Como resultado e discussão foi observado que os gestores não sabem lidar com a violência dentro das escolas e, há violência por questões de hierarquização de gêneros, os professores não sabem tratar com situações violentas e pedem afastamentos do trabalho cada vez mais por questões psicológicas. Finalmente foi visto a importância de programas que invistam nas situações de enfrentamento a violência escolar e a psicologia tem se preocupado com esse cenário e pode contribuir, promovendo intervenções e ações para melhorar o convívio no ambiente escolar, uma vez que atualmente já existe a Lei n.13.935 para a atuação de psicólogos (os) escolares.

Palavras-Chave: Violência; Estudante; Escola; Situações de violência escolar.

Abstract

This work is a qualitative narrative bibliographic research and aimed to analyze contexts of situations of violence in schools in the country in the period between 2018 and 2024. For this purpose, as a method, a survey was carried out with five (5) articles collected in the Scielo database that were subjected to reading and data analysis using the content analysis technique. Analysis categories were developed to compose cores of meaning and six (6) cores were developed that had as themes the relationship between school and violence. As a result and discussion, it was observed that managers do not know how to deal with violence within schools and, there is violence due to gender hierarchy issues, teachers do not know how to deal with violent situations and increasingly ask for time off from work due to psychological issues. Finally, the importance of programs that invest in situations of confronting school violence was seen, and psychology has been concerned with this scenario and can contribute, promoting interventions and actions to improve coexistence in the school environment, since Law No. 13,935 currently exists for the work of school psychologists.

Keywords: Violence; Student; School; Situations of school violence.

1. INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho é violência nas escolas. Em 1549 os jesuítas chegaram ao Brasil e criaram as primeiras escolas voltadas para o contexto religioso com o intuito de formar sacerdotes e catequizar os índios. Nos dias atuais, a escola está relacionada a educação,

¹ Discente do curso de Psicologia UFMS/CPAR

² Professora do curso de Psicologia UFMS/CPAR

aprendizagem e formação profissional. Os países da Alemanha e França no século XVII se fixam na educação pública estatal, mudando do caráter religioso, com o objetivo de proporcionar estudo aos alunos e adquirirem diversas formas de conhecimentos para a inserção no mercado de trabalho, como ainda acontece atualmente. Porém, naquela época sem o interesse de atender os filhos das classes populares e sim somente os filhos dos ricos (Jesus, 2022).

De acordo com Jesus (2022) no século XIX esse método educacional é inaugurado nos Estados Unidos (EUA) e no ano seguinte, aqui no Brasil, quando principiou o processo de industrialização do país. Com o passar dos tempos as escolas foram mudando seus objetivos pois, antes era voltada para o ensino religioso, depois passou a ser para a educação, porém, somente para os filhos das classes economicamente favorecidas. Nos dias atuais, no Brasil a escola é um direito de todos e segundo o artigo 205 da Constituição Federal de 1988 estabelece que a educação é um direito de todos e dever do Estado e da família, sendo promovida e incentivada com a colaboração da sociedade. O objetivo da educação é o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Conforme apontado por Angelo (2022) a escola vai muito além dos conteúdos ministrados para o desempenho de atividades profissionais, ela é de suma importância para a formação social do sujeito. De acordo com a autora, quando se fala em papel social da escola significa que estamos falando na responsabilidade em promover o desenvolvimento das potencialidades físicas, cognitivas e afetivas do aluno, a fim de qualificá-lo para que se torne um cidadão participativo perante a sociedade, desenvolvendo um pensamento crítico, formando cidadãos para construir uma sociedade mais justa, ensinando direitos e deveres, desenvolvendo habilidades físicas, emocionais e ensinando a ser solidário.

Dada a importância social da escola, é possível observar com indignação situações de violência que acontecem em seu interior. De acordo Rodrigues (2023) o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC) apontou que o índice de violência nas escolas aumentou de 50% no ano de 2023, do mês de janeiro a setembro. O disque 100 teve mais de 9,5 mil denúncias. Por conta disso, o interesse no tema aparece a esta pesquisadora pois, houve um aumento significativo de casos de violência no ambiente escolar nos últimos anos e isso chamou a atenção e com isso, surgiu a curiosidade de saber o porquê desta violência.

Segundo os autores Schram, Batista [s.d] apontam que Paulo Freire discute que uma escola democrática tem que se preocupar com a forma que os professores avaliam seus alunos, pois a escola vai além, tem que se atentar as dificuldades que os alunos trazem de casa, as disponibilidades que eles possuem de comerem, de se vestir, brincar, dormir, também com as

suas facilidades ou com seus obstáculos enfrentados na sua vida intelectual lá fora. O autor afirma que há uma valorização da relação do aluno com o professor e discute o princípio da relação aluno-professor. Segundo os autores, para Paulo Freire, o diálogo do aluno tanto com o professor quanto com os pais e a escola tem que ser igual a política, ou seja, tem que envolver toda a sociedade, pois a democracia na escola tem que estar presente, o diálogo é importante para ter uma boa comunicação e não haver desentendimentos.

Dessa forma, Schram, Batista [s.d] trazem que Paulo Freire explica que a aprendizagem do educando está relacionada à docência dos professores e professoras, sua seriedade, sua competência, seu humor, com sua amorosidade, com sua clareza política, com sua coerência, assim como todas essas qualidades têm relação e irão influenciar com a maneira justa ou não de como serão respeitados como tal. Sendo assim, é nítido que esse ambiente escolar vai muito além de estudar, aprender, pois se os educandos e os educadores não possuírem diálogo, como também a escola com a família, a família com os pais, muitas coisas podem dar errado pelo caminho, como o aparecimento das diversas violências nas escolas nesses últimos anos e ainda mais agora, nos dias atuais.

De acordo com Terçariol e Teixeira (2019), ao citar a pesquisadora Miriam Abramovay que discute sobre o ambiente escolar, afirma que os adultos não estão preparados para lidar com essa juventude em que a violência aparece, violências relacionadas ao cotidiano, as micro violências e as violências institucionais que depois dessas vão aparecer as violências duras. Essas violências duras são, de acordo com o código penal, aquelas que não acontecem no cotidiano do ambiente escolar, como as facas e armas, o que já é uma realidade. A autora aponta que é importante o meio escolar ampliar a discussão sobre essa cultura juvenil, pois, os jovens têm linguagens diferentes dos adultos.

Em sua entrevista, Miriam Abramovay (2019) aponta que os jovens têm um entendimento mais rápido que os adultos sobre os assuntos pois, eles pegam rápido as coisas e nesse ambiente escolar é como se não pudessem ser eles mesmos, se sentem invisíveis nessa cultura da escola onde há muitas comparações, fazendo com que, dessa forma, percam essa identidade de jovem, pois essa cultura apresenta as diferenças e desigualdades sociais. De acordo com a pesquisadora, há uma importância de implementação de políticas públicas para a questão de violência nas escolas e aponta que em suas pesquisas realizadas há muito tempo, tiveram resultados muito positivos e duraram um tempo, mas foram interrompidas por essas políticas públicas. (Terçariol; Teixeira, 2019).

Nesse contexto, a área de conhecimento da Psicologia mostrou preocupação com a violência, pois o Conselho Federal de Psicologia (CFP) em 2023, lançou uma Nota Técnica nº

8/2023, com o título “A Psicologia na Prevenção e Enfrentamento à Violência nas Escolas”. Essa nota aponta que no ano de 2019 foi aprovada a Lei n. 13.935, que dispõe sobre a prestação de serviços de psicólogos (os) e assistentes sociais nas redes públicas da educação básica, o que se torna indispensável frente ao contexto atual de violência nas escolas.

De acordo com o CFP deve se refletir que a violência é um fenômeno complexo e multideterminado que se manifesta de uma forma sistemática em sociedades de extremas desigualdades econômicas e sociais. É mencionado a importância da (o) psicóloga (o) escolar diferenciar as diversas formas de manifestações de violência para se pensar em maneiras de enfrentamento. Ouvir os estudantes é fundamental, planejar ações preventivas nas salas de aula e na escola, como parte do projeto político pedagógico é o que encaminha as ações frente a violência nas escolas.

Conforme estabelece a Resolução CFP n. 23, de 2022, 3.4.1 A psicóloga escolar atua nas ações e projetos de enfrentamento dos preconceitos e da violência na escola, orientando as equipes educacionais na promoção de ações que auxiliem na integração entre família, educando e escola e nas ações necessárias à superação de estigmas que comprometam o desempenho escolar dos educandos. 3.4.2. Faz parte das atribuições elencadas na normativa: propor e implementar intervenções psicológicas junto às equipes das instituições de ensino a fim de realizar os objetivos educacionais, e a atuar considerando e buscando promover a qualidade de vida da comunidade escolar, a partir do conhecimento psicológico. (CFP, 2023, p.10).

Sendo assim, o problema desta pesquisa é entender como a violência tem se manifestado no ambiente escolar? E qual está sendo o papel da gestão escolar?

Para isso é necessário considerar como objetivo analisar os contextos de situações de violência nas escolas no país no período entre 2018 a 2024. Também, identificar qual o papel dos professores quando ocorrem essas violências, verificar o cenário da escola, caracterizar as diversas formas de violência que ocorrem e conhecer o papel da psicologia no cenário de violência.

Por fim, essa pesquisa tem a intenção de contribuir com informações relevantes a sociedade sobre o contexto de violência nas escolas, como também atentar a população sobre os motivos que levaram ao aumento da violência e como pode ser evitada.

2. MÉTODO

O presente estudo trata-se de uma pesquisa qualitativa que procura entender as características da violência nas escolas a partir do que foi publicado entre os anos de 2018 a 2024. Segundo Marconi e Lakatos (2010), a pesquisa qualitativa consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no

registro de variáveis que se presumem relevantes, para analisá-los. A pesquisa se deu partir da revisão bibliográfica narrativa de artigos de pesquisas empíricas que apresentam as diversas faces da violência nas escolas.

Segundo Clandinin e Connely (2000) a revisão bibliográfica narrativa trata se de "uma forma de entender a experiência" de uma determinada situação, um processo de colaboração entre pesquisador e pesquisado, ou seja, uma forma de coletar relatos ou histórias sobre determinada situação, que ajudará o investigador com informações para entender o que se procura, como entrevistas, gravações, artigos, etc.

A revisão bibliográfica de acordo Severino (2007), se dá a partir do: [...] registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utilizam-se dados de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos (Severino, 2007, p.122).

2.1 Coleta de Dados

Segundo Minayo (2001), a coleta de dados é o momento de definição de técnicas a serem utilizadas para a pesquisa de campo. Devemos definir as técnicas a serem utilizadas tanto para a pesquisa de campo (entrevistas, observações, formulários, história de vida) como para a pesquisa suplementar de dados, caso seja utilizada pesquisa documental, consulta a anuários, censos, bases de dados. Nesta pesquisa, a coleta de dados se dará a partir de uma pesquisa bibliográfica narrativa.

Para a coleta desta pesquisa foi utilizada a base de dados SciELO (Scientific Electronic Library) Online; publicação eletrônica, que é uma biblioteca virtual de revistas científicas brasileiras em formato eletrônico. Ao explorar a base de dados foram utilizados descritores como Violência AND Intolerância, Intimidação AND Ataque, Agressão, Estudante AND Escola, Violência AND Escola, Violência AND Professor.

Sendo assim, inicialmente foram encontrados 300 artigos relacionados ao tema, porém foram realizados filtros com base em artigos relevantes e não relevantes para a pesquisa ou critérios de inclusão e exclusão. Foram considerados relevantes trabalhos de artigos com cinco (5) anos de publicação, a partir de 2018 até 2024 e, artigos de estudos empíricos. Foram

considerados não relevantes estudos que não eram artigos, estudos com menos de 5 anos e estudos de revisão bibliográfica.

Logo, foram selecionados cinco (5) artigos apropriados para a pesquisa pois atendiam aos critérios já referenciados anteriormente. A base de dados utilizada foi a Scielo (Scientific Electronic Library Online), e os descritores: “violência AND escolas”, “violência AND professores AND escolas”, violência AND professor, violência escolar AND jovens e violência AND escolas AND jovens. Segue abaixo Quadro com os artigos utilizados.

Quadro 1: Artigos de pesquisa

Base de dados	Autores	Título	Ano de publicação
SciELO	Silva <i>et al.</i>	Dimensões de assédio na escola: diálogos sobre gênero com jovens estudantes de ensino médio de São Paulo/ Brasil.	2023
SciELO	Oliveira Dutra e Ludgero.	Temos projetos e temos polícia: a visão dos diretores sobre estratégias de prevenção a violência em contexto escolar	2023
SciELO	Libania Xavier	A docência entre o ideal republicano e as violências do cotidiano	2021
SciELO	Astrid, E. <i>et al.</i>	Acoso escolar em adolescentes: papel de violência e determinantes.	2020
SciELO	Pamela Lamarca Pigozi	A produção subjetiva do cuidado: uma cartografia do bullying escolar	2018

Fonte: Elaborado pela autora

2.2 Análise de Dados

Para a analisar os dados no presente estudo foi utilizado a técnica de Análise de Conteúdo e segundo Godoy (1995), envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo.

Para Minayo (2007), a análise de conteúdo desdobra-se nas etapas pré-análise, exploração do material ou codificação e tratamento dos resultados obtidos/ interpretação.

Para isso, foram realizadas leituras dos artigos selecionados para identificação de categorias de análise. O primeiro contato com os artigos aconteceu a partir de uma leitura flutuante para entrar em contato com o conteúdo discutido no texto e identificação de pontos importantes a serem avaliados. Identificados os pontos, a partir de trechos, foram selecionados para compor possíveis categorias. Foi realizada leitura novamente para confirmar os trechos que traziam conteúdos importantes e, portanto, a formação de categorias. Com isso, posteriormente, os artigos foram submetidos à análise.

Consequentemente, a partir das categorias formadas foram criados seis (6) núcleos de significação para a discussão dos artigos selecionados, que são eles: Núcleo 1: Gênero e violência na escola, Núcleo 2: Desafios na gestão escolar diante da violência, Núcleo 3: Inclusão de alunos com deficiências na dinâmica escolar, Núcleo 4: Impacto da violência na saúde e bem-estar dos professores, Núcleo 5: A escola como agente de mitigação do sofrimento, Núcleo 6: Parceria escola/ família na prevenção da violência.

Quadro 2: Núcleos e Categorias

Núcleos	Categorias
(1) Gênero e violência na escola	(1) A relação das vestimentas atribui as meninas a responsabilidade pelas diferenças de gênero (2) O gênero masculino, a relação familiar (substâncias psicoativas) e a escola.
(2) Desafios na gestão escolar diante da violência	(1) O socorro vem de fora e se chama polícia, (2) A importância de programas que invistam no adolescente, seu modo de sentir e viver. (3) a materialidade da violência que se manifesta de distintas formas nas escolas. (4) Ao chamar a polícia, a escola perde sua identidade afastando a dimensão pedagógica e perdendo o respeito, (5) As estratégias contra a violência são feitas depois de ocorrida. (6) Tem que melhorar o ambiente escolar.
(3) inclusão de alunos com deficiências na dinâmica escolar	(1) Necessita de estratégias dos gestores para incluir alunos com deficiências ao meio de interação escolar
(4) Impacto da violência na saúde e bem-estar dos professores.	1) A um aumento de licenças médicas pois os professores adoecem no cenário violento. (2) Adoecimento dos docentes por conta da violência. (3) O motivo dos docentes continuarem dar aula em cenários violentos ainda se mantem pelo bem estar e amor em seu trabalho.
(5): A escola como agente de mitigação do sofrimento	(1) A escola não pode intensificar o sofrimento e sim amenizar.
(6) Parceria escola/ família na prevenção da violência.	(1) A importância de envolver a família com a escola, evitando que os filhos venham como agressores de casa. (2) A importância das redes de apoio como escola, família e amigos ficarem atentos para a prevenção ao bullying e as violências

Fonte: Elaborado pela autora.

3. Resultados

Aqui, apresento os resultados desta pesquisa a partir dos cinco (5) artigos selecionados que discutem sobre violência escolar.

Identificada as categorias, os trechos representativos e os artigos a quem as categorias estavam relacionadas, foram criados seis (6) núcleos de significação para apresentar e discutir os resultados dos artigos coletados que serão apresentados em seguida:

3.1 - Núcleo 1: Gênero e violência na escola:

Neste núcleo está presente as categorias (1) *A relação das vestimentas atribui as meninas a responsabilidade pelas diferenças de gênero* e (2) *o gênero masculino, a relação familiar (substâncias psicoativas) e a escola*.

Os cinco artigos que pesquisam sobre este tema, porém, com alegações diferentes para o surgimento da violência, o que resultou em duas categorias. Silva *et al* (2023) dialogou que a escola atribui a forma com que as meninas se vestem é o que causa violência na escola e Astrid, E. et al (2020) argumentou que a relação de drogas e o seu ambiente familiar como outras substâncias psicoativas, estava relacionado ao gênero masculino e que era um dos motivos de violência. Ambos os autores discutiram em seus trabalhos sobre a questão do gênero.

Para Silva *et al.* (2023) em suas pesquisas apontam a gestão escolar atribui as meninas a responsabilidade pela violência que poderiam sofrer, porque elas não podem ir com qualquer roupa para a escola, pois irão atrair os olhares dos meninos, como se fossem elas as culpadas pelo assédio.

Essa forma de pensamento, segundo Silva *et al.* (2023) transparece uma visão machista da gestão escolar para os dias de hoje, pois as meninas apontam que os meninos também vão de shorts caídos mostrando a cueca inteira como também camisetas cavadas mostrando os braços, porém, a ‘bronca’ só quem recebe são elas. Segundo os autores, esse tipo de atitude só colabora para gerar violência e assédio escolar, pois realça um machismo e uma hierarquia dos gêneros, em que os meninos sempre vão fazer o que quiserem já que, são as meninas culpadas por usarem roupas provocantes.

Segue o trecho em que os pesquisadores apontam sobre o assunto,

Como o controle recair exclusivamente sobre as roupas das estudantes, uma vez que “os meninos frequentam a escola usando *shorts* caídos, mostrando a cueca inteira, camisetas cavadas que mostram muitas partes do corpo e a escola não faz nada”; “só as meninas que levam a bronca. (Silva *et al.*, 2023, p.7).

Segundo Silva *et al.* (2023) “essas normas disciplinares escolares” são compreendidas como tentativas de controlar os corpos das meninas e sentidas como modos de assediar as

mulheres, porque expressam o “machismo das pessoas” e o “da escola” em atos de censura e julgamento. Algo que só propaga ainda mais o assédio e a violência escolar.

Já o que foi observado por Astrid, E. *et al.*, (2020), é que há o hábito escolar relacionado ao consumo de substâncias psicoativas ao sexo masculino, como também aos antecedentes de agressão e violência escolar. O aluno tem esses comportamentos porque a escola é um ambiente familiar e se na sua casa há violência, é bem provável que virá com essas atitudes para a escola.

Segundo os autores, depende muito do ambiente, pois uma vez que ele é problemático cada vez mais os meninos veem como assediadores e causadores de violência de casa, não respeitam as meninas e muita das vezes nem eles mesmos.

Segundo Astrid, E. *et al.* (2020) “o consumo de álcool, cigarro e outras substâncias psicoativas está associado a ser vítima e, em alguns casos, agressor” pois quando se torna vítima de um agressor sem amparo da escola ou família, essas pessoas tendem a ficarem propícias a usar esses métodos de escape da realidade.

Por outro lado, os agressores têm 5,6 vezes mais probabilidade de pertencer a uma gangue, as vítimas 2,3 vezes mais probabilidade e aqueles que desempenham ambos os papéis 12,1 vezes mais probabilidade, uma vez que o bullying está associado aos motivos de ingresso em uma gangue e pode ser considerado um fator de proteção para ser agredido. (Astrid, E *et al.*, 2020, p.7).

De acordo com Astrid, E *et al* (2020), muitas das vezes as vítimas podem se tornar agressores entrando para gangues ou grupos violentos para se protegerem das agressões sofridas na escola, pois sem apoio muita das vezes, eles mesmos buscam saídas com as próprias mãos.

3.2- Núcleo 2: Desafios na gestão escolar diante da violência:

Para a construção desse núcleo foi identificado as seguintes categorias: (1) *O socorro vem de fora e se chama polícia*, (2) *A importância de programas que invistam no adolescente, seu modo de sentir e viver*, (3) *a materialidade da violência que se manifesta de distintas formas nas escolas*, (4) *Ao chamar a polícia, a escola perde sua identidade afastando a dimensão pedagógica e perdendo o respeito*, (5) *As estratégias contra a violência são feitas depois de ocorrida*, (6) *Tem que melhorar o ambiente escolar*.

Segundo Oliveira, Dutra e Ludgero (2023), observaram que os diretores não sabem o que fazer em relação a violência escolar, sendo isso o que os motivam a contar com a participação de terceiros, que na maioria das vezes se chama polícia.

Para os autores, no caso da pesquisa, as gestoras mulheres não possuem projetos ou programas para a violência escolar, os professores não sabem como lidar com esta realidade, o

que sempre motiva a pedirem ajuda de fora. Porém, isso não é algo legal uma vez que passa uma imagem negativa da gestão escolar, fazendo com que os alunos percam o respeito e só passem a levarem a sério quando um ou outro órgão, como conselho tutelar, seja acionado. O trecho a seguir mostra o que dizem os autores,

A sensação de que não sabem o que fazer e nem com quem contar para prevenir a violência na escola em uma perspectiva pedagógica é o que parece motivar tamanha participação de parceiros nos projetos orientados para a prevenção. Na ausência de diretrizes claras vindas da gestão para os professores e estudantes e dos órgãos gestores para a direção, o socorro vem de fora” (Oliveira, Dutra, Ludgero, 2023, p.13).

Os autores apontam a importância de estratégias para saberem lidar com esses conflitos pois, se não, sempre haverá espaço para essa terceirização, afastando da dimensão pedagógica e sempre não saberão o que fazer.

Já, para Pigozi (2018), é importante o desenvolvimento de projetos e programas para os jovens se sentirem pertencentes à escola, pois em sua pesquisa identifica um cuidar fragilizado à vítima que sofria bullying escolar. A autora aponta que pessoas da fora da escola, ou seja, a comunidade externa, às vezes apoiam mais do que a própria escola aqueles que sofrem a violência e a escola não mostrou interesse. Segue abaixo um trecho do artigo:

Entretanto, as instituições escola e saúde parecem ter intensificado o sofrimento. Considerando que a produção de um cuidar subjetivo e afetuoso adveio do próprio sujeito e de sua rede familiar e de amigos, aposta-se em programas e políticas públicas que tenham como norte investir no protagonismo do adolescente, seu modo de estar, sentir e viver.” (Pigozi, 2018, p.16).

Aqui nessa categoria como na anterior é possível identificar semelhanças em relação a gestão que não sabe o que fazer com as vítimas e com a violência escolar, ora chamam a polícia, ora procuram soluções só depois já de ocorrer a violência, provando a necessidade de medidas que invistam no aluno, seu modo de agir, de viver e de pensar.

Pigozi (2018), aponta que na entrevista o aluno não concorda como a direção trata as pessoas que sofrem bullying lá dentro, ele diz que os gestores não fazem nada. De acordo com a autora, só conversam depois de já ter ocorrido e que não adianta de nada, é um cuidar muito fragilizado.

Silva *et al.* (2023) na análise sobre a materialidade da violência que se manifesta de distintas formas nas escolas, analisaram que a violência se manifesta de várias formas nas escolas, professores que assediam as alunas, alunos que assediam as alunas e que nada é feito

pela direção escolar, pois, eles passam “pano” principalmente quando são casos de professores mexerem com as alunas.

De acordo com os autores, esses comportamentos geram violência dentro das escolas pois, as alunas se revoltam porque nenhuma providência é tomada, citam que elas são encaminhadas para o atendimento psicológico, mas quem fez mal à elas, continua vivendo normalmente como se nada tivesse acontecido.

Segundo as participantes da pesquisa, uma saída de se manifestarem foi escrevendo nas paredes e portas de dentro dos banheiros da escola. As meninas escreviam seus relatos sobre o que passaram e cada vez mais foram aparecendo novas respostas comentando que passou o mesmo com tal professor ou tal situação dentro da escola,

Outra ocupação observada em uma escola, e igualmente conduzida por meninas, foi uma exposição artística em que as obras elaboradas e expostas se inspiraram nas temáticas do feminicídio, assédio sexual, homofobia e transfobia. A atividade chamava a atenção para demandas de gênero e para a necessidade de ocupar também o currículo, ao mesmo tempo que estimulava práticas informais de acolhimento por meio de iniciativas coletivas. Tais ocupações traduzem a vinculação do assédio às desigualdades de gênero, chamando a atenção para a materialidade da violência que se manifesta de distintas formas nas escolas e que, apesar disso, não é prioridade nas instituições. (Silva *et al.*, 2023, p.7).

Dentro desse núcleo é possível observar muitas semelhanças pois, muitas vezes a gestão escolar têm dificuldades em lidar com a violência dentro da escola, muitos são os desafios, porém, na maioria das vezes, para os gestores, as situações passam despercebidas ou os gestores não dão atenção as citações vivenciadas dentro da escola, não sabem o que fazer e nem como agir, deixando sempre o assunto de lado, gerando cada dia mais vítimas que se tornam agressores.

Foi observado pelos autores Oliveira, Dutra e Ludgero (2023), que quando a escola chama a polícia para resolver os problemas ao invés dela mesmo resolver, acaba perdendo sua identidade, o que afasta da dimensão pedagógica fazendo com que os gestores percam o respeito dos alunos. Para os autores é muito importante a gestão escolar ter suas próprias cartas na manga, como estratégias e projetos para combater a violência escolar. Segue o trecho abaixo com as considerações dos autores:

Haverá sempre espaço para uma certa *terceirização* dos problemas de comportamento e violência na escola e um afastamento da dimensão pedagógica da administração de conflitos. (Oliveira, Dutra, Ludgero, 2023, p.13).

No artigo foram realizadas entrevistas com diretoras de escolas sobre as medidas que elas tomam quando há violência e, a maioria respondeu que não sabiam o que fazer e acabam

chamando a polícia. Segundo os autores, se continuar assim sempre haverá espaço para uma terceirização relacionada a violência escolar o que nunca solucionará os problemas de fato.

Para a autora Pigozi, (2018) as medidas contra a violência, como o bullying em seu artigo, na maioria das vezes só é tomada depois de já acontecer, não adiantando mais. Medidas essas que não passam de conversas com os agressores.

A gestão não possui nenhum programa ou promoção afim de promover um ambiente saudável e mais sociável, muito menos um acompanhamento ou preocupação com aquelas vítimas que sofreram violência dentro da escola, semelhante a categoria anterior. No trecho abaixo segue a fala da autora:

Parece não haver nenhum programa ou atividade de promoção a um clima escolar favorável e também nenhum suporte restaurativo com os alunos que sofrem o *bullying* e com aqueles que também o cometem. (Pigozi, 2018, p.11).

Para Pigozi (2018), as ações são pontuais e é só pela diretora, não há um amparo a vítima e nem uma punição para o agressor, muito menos programas que evitem que as violências ocorram novamente. É necessário medidas que pensem nos jovens, ajudar a terem uma boa convivência.

Segundo Astrid, E. *et al.* (2020), analisaram que é muito importante melhorar o ambiente escolar e que a escola se junte com a família para que desenvolvam estratégias e meios para que os alunos venham mais respeitosos de casa. Segue o trecho abaixo:

Necessidade de melhorar a convivência, a tolerância. Respeito, diálogo e estratégias que incluem pessoas com deficiência, não apenas no ambiente escolar, mas também no ambiente familiar e social, fazem com que a interação em um desses cenários possa influenciar o comportamento do adolescente nos outros. (Astrid, E. *et al.*, 2020, p.7).

De acordo com os autores, é muito importante obter meios para ter uma boa convivência no meio escolar, os diretores têm que buscar estratégias que ajudem no problema da violência antes que ela ocorra e não depois que já ocorreu, e assim, evitar que as vítimas se tornem novos agressores pois essas vítimas tentam se encaixar em grupos considerados populares que não são bem recebidos gerando desavenças e inferioridade nessas pessoas, onde começa os primeiros ataques.

3. 3 Núcleo 3: inclusão de alunos com deficiências na dinâmica escolar

Para a construção desse núcleo foi identificado a seguinte categoria: *(1) Necessita de estratégias dos gestores para incluir alunos com deficiências ao meio de interação escolar*, que será apresentada a seguir:

Nesta categoria foi observado que os autores Astrid, E *et al.*, (2020) analisaram na pesquisa desenvolvida nas escolas que não há nenhuma estratégia para inclusão de alunos com deficiência no meio da interação escolar, o que pode gerar violência no ambiente, falta de respeito e empatia com esses alunos, pois passam despercebidos pela população escolar. Os autores verificaram em suas pesquisas que o ambiente escolar pode se tornar lugar de rivalidades e competições pois, os alunos querem entrar nos grupos mais populares e quando não são aceitos é gerado um sentimento de inferioridade. Já as pessoas com deficiência, identificados com vítimas desse sistema, têm dificuldades em fazer amizades e desenvolver um convívio social sendo que, muitas vezes, são excluídos por esses grupos populares.

Além disso, junto com os fatores associados identificados no papel da vítima, como a presença de incapacidade, a agressão na casa e o consumo de substâncias psicoativas, e a forte relação entre vítima e agressor, evidenciam a necessidade de melhorar a convivência, a tolerância. Respeito, diálogo e estratégias que incluem pessoas com deficiência''. (Astrid, E *et al.*, 2020, p.7).

Para os autores, são esses alunos que sofrem violência e se sentem incapazes por não terem apoio da gestão escolar e, por isso, necessitam que esses gestores identifiquem estratégias, projetos para que incluam os alunos desses grupos populares, mas também seus familiares no convívio social para que sejam influenciados de alguma das partes, e desenvolvam uma maior tolerância e atuem com respeito.

3.4 Núcleo 4: Impacto da violência na saúde e bem-estar dos professores

Para a construção desse núcleo foram identificadas as seguintes categorias: *(1) A um aumento de licenças médicas pois os professores adoecem no cenário violento, (2) Adoecimento dos docentes por conta da violência, (3) O motivo dos docentes continuarem dar aula em cenários violentos ainda se mantem pelo bem estar e amor em seu trabalho.*

Foi observado por Xavier (2020) e Pigozi (2018) um aumento de licenças médicas pelos professores pois muitos deles acabam adoecendo em seu ambiente de trabalho devido à pressão, muita violência dentro e fora dos muros da escola e, a necessidade de atingir as expectativas dos pais e da comunidade.

Xavier (2020) aponta que há uma dificuldade de acesso dos professores e alunos para chegarem à escola e quando isto acontece, os professores não conseguem trabalhar, gerando desgaste. Como há filhos de criminosos e traficantes que frequentam a escola, conforme relato dos professores entrevistados na pesquisa de Xavier (2020), os professores têm medo e é aí, que surgem os problemas físicos e psicológicos o que leva ao afastamento de seu trabalho,

Os dados sobre o percentual de licenças médicas entre docentes para tratamento psiquiátrico aumentaram consideravelmente no Brasil e no Rio de Janeiro. (Xavier, 2020, p.15).

Para a autora, os índices de abandono da profissão têm aumentado cada vez mais e principalmente no estado do Rio de Janeiro que se apresenta como uma cidade muito violenta e, dependendo do lugar, todas às vezes que os professores têm que ministrar aulas, em um desses lugares recorrentes de violência, a sensação de medo é grande, fazendo com que muitos deles abandonem a profissão.

Já Pigozi (2018), em pesquisa realizada aponta que os professores apresentam cansaço devido no momento da aula, são obrigados a aguentar incidentes em sala a todo momento, como na escola, devem responder as expectativas dos pais e da comunidade,

Professores cansados que, além de ministrar o ensino, também precisam lidar com incidentes de agressividade em sala de aula e alcançar a expectativa dos pais e da comunidade. Nesse âmbito, por uma série de fatores que não cabe aqui discriminar, indica-se a falta de capacitação (acerca de assuntos específicos como as violências escolares) e atenção às condições de trabalho dos docentes, aspectos estes estes produzem o sofrer do discente, mas também do docente. (Pigozi, 2018, p.12)

A autora aponta que há falta de capacitação para lidar com a violência e orientação em como agir nesses casos. Estes aspectos geram desgaste no professor fazendo com que não suporte tantas questões, adoecendo.

Segundo Xavier, (2020) foi observado que o motivo dos docentes ainda se manterem nas salas de aula, em meio aos cenários violentos, pois, apesar de tudo há amor e uma gratificação de bem estar pelo seu trabalho. Para a autora, o compromisso ético que os professores têm com os alunos que vivem em estado de vulnerabilidade prevalece como justificativa para não desistirem. Segue o trecho a seguir:

Percebemos que a crença no valor de seu trabalho certamente contribuiu para um certo bem-estar profissional e para sua permanência nas escolas. Isso porque o compromisso ético e político com os alunos que vivem em situação de vulnerabilidade constitui uma justificativa nobre, que fortalece os docentes no enfrentamento das tensões e das guerras que perturbam seu trabalho. Isso não significa que o problema esteja resolvido. (Xavier, 2020, p. 14-15).

Foi analisado por Xavier (2020) que isso fortalece os docentes a encararem as violências do cotidiano, o amor pelo trabalho e o compromisso com os outros alunos.

3.5 Núcleo 5: A escola como agente de mitigação do sofrimento

Para construção desse núcleo foi utilizado a seguinte categoria: *(1) A escola não pode intensificar o sofrimento e sim amenizar.*

Segundo Pigozi, (2018) foi observado que a escola age como intensificadora do sofrimento de alunos que sofreram violência escolar, sendo que para eles, deviam agir ao contrário, amenizando e ajudando. Segue o trecho a seguir:

Entretanto, as instituições escola e saúde parecem ter intensificado o sofrimento. Considerando que a produção de um cuidar subjetivo e afetivo adveio do próprio sujeito e de sua rede familiar e de amigos. (Pigozi, 2018, p. 16).

A autora aponta que a escola não faz nada para poder apoiar e amenizar o sofrimento das vítimas que sofreram bullying, pois quem se dispôs a ajudá-los foram pessoas de fora do ambiente escolar, e isso é algo que a gestão não pode deixar acontecer uma vez que, o sofrimento foi causado lá dentro.

3.6 Núcleo 6: Parceria escola/ família na prevenção da violência

Para a construção desse núcleo foram criadas duas categorias: *(1) A importância de envolver a família com a escola, evitando que os filhos venham como agressores de casa, (2) A importância das redes de apoio como escola, família e amigos fiquem atentos para a prevenção ao bullying e as violências*

De acordo com os autores Astrid, E *et al.* (2020) observaram a importância de envolver a família juntamente nas estratégias da escola, pois essa atitude evita com que os alunos venham como agressores já de casa.

Essa parceria escola e família segundo os autores é essencial para que, os alunos venham mais tolerantes e respeitosos de casa, uma vez que, os pais podem colaborar desse lado enquanto a escola do outro. Segue o trecho abaixo:

Não apenas no ambiente escolar, mas também no ambiente familiar e social, fazem com que a interação em um desses cenários possa influenciar o comportamento do adolescente nos outros; por isso, deve-se envolver os pais de família, professores, diretores, comunidade, entes territoriais e de controle para fomentar uma cultura de sana convivência em casas, instituições educativas, espaços... (Astrid, E *et al.*, 2020, p. 7).

Os autores trazem que essa prática é muito importante para melhorar a convivência não só escolar, mas, também, a social, em casa e em espaços educativos.

Foi observado por Pigozi, (2018) que apontou que há uma grande importância das redes de apoio ficarem atentos para a prevenção ao bullying e a violência escolar para que não ocorram. A autora traz que muitas das vezes os alunos podem dar indícios que estão sofrendo algum tipo de violência, como os agressores também dão sinais, cabendo as pessoas próximas ficarem atentas para evitar. Segue o trecho abaixo:

Considerando que a produção de um cuidar subjetivo e afetivo adveio do próprio sujeito e de sua rede familiar e de amigos, aposta-se em programas e políticas públicas que tenham como norte investir no protagonismo do adolescente, seu modo de estar, sentir e viver. (Pigozi, 2018, p.16)

Com isso a autora traz a importância de programas e estratégias que entenda o adolescente, pois eles têm seus jeitos e seus modos de sentir e viver.

4. Discussão

O objetivo deste capítulo é analisar os resultados da pesquisa realizada a partir da leitura e identificação das categorias para melhor compreensão sobre os contextos de situações de violência nas escolas no país no período entre 2018 a 2024. A partir da revisão bibliográfica de cinco artigos selecionados e destes, realizada a análise de conteúdo, identificando categorias de análise e a partir delas, foram desenvolvidos seis núcleos representativos. Destes núcleos, serão analisados a seguir a partir das discussões sobre violência escolar.

Ao discutir a violência na escola foi possível identificar, como apontado no núcleo (1) que a relação das vestimentas atribui as meninas a responsabilidade pelas diferenças de gênero. De acordo com os autores Silva *et al* (2023) e Astrid, E *et al*. (2020), há uma presença forte de gênero implicando a violência escolar, e quando ela acontece, as meninas são taxadas como culpadas pelas roupas que estão usando. De acordo com os autores, os gestores escolares hierarquizam os alunos e alunas, o que faz gerar violência escolar.

Segundo Terçariol e Teixeira (2019), em entrevista à Miriam Abramovay, autora de diversas pesquisas sobre juventude e violência escolar, aponta que os jovens encaram e entendem o mundo de outra forma e a realidade, tal essa que os adultos não entendem, faz com que eles percam sua identidade na escola, se sentindo excluídos, assim como as meninas se sentem em relação aos meninos. Conforme apontado pela categoria um (1) do núcleo um (1), as meninas se sentem mal dentro da escola pois, não são ouvidas pelos adultos, não se sentem bem com qualquer roupa dentro da escola pois, os meninos ‘acham no direito de assediar’. Para

os autores, é nítido que a gestão escolar hierarquiza os gêneros no espaço escolar, e isso gera uma revolta nas estudantes mostrando que a gestão escolar ao invés de saber lidar com a violência só estão a propagando, ainda mais.

E conforme pesquisas de Silva *et al* (2023) e Astrid, E *et al.* (2020) que foi realizada com estudantes do ensino médio da cidade de São Paulo, a gestão usa a regulação das vestimentas como permissa para manter a ordem escolar, atribuindo as meninas a culpa pelo comportamento dos meninos.

Outro caso parecido ocorreu em uma escola da cidade de Capão de Canoa e, segundo Custódio (2022), a escola mandou um bilhete para a casa dirigido aos pais e dizendo para se atentarem as roupas de suas filhas pois não entrariam mais na escola, pois os meninos estavam mexendo com as meninas. Esta ação gerou revolta entre as estudantes, pois em vez de lidarem com o problema que seria os meninos, a direção culpou e mudou as vestimentas das vítimas.

De acordo com Giongo (2022), há uma série de problemas nesse caso, como por exemplo a escola não ter dialogado e escutado as adolescentes para só assim decidirem juntos o que fazer. De acordo com os autores Silva *et al* (2023) e Astrid, E *et al.* (2020) isso faz com que as estudantes não se sintam ouvidas, mas sim, diminuídas pelo gênero masculino dentro da escola.

Outro fator analisado sobre a violência na escola é que o socorro vem de fora, na maioria das vezes, e se chama polícia quando há casos de violência. Parece que a gestão escolar não está preparada para lidar com cenários de violência, pois, não possuem métodos para combater antes que aconteça. Geralmente as medidas são tomadas depois de um ato e a gestão escolar já não possui mais o controle, acabando sempre pedindo apoio da Polícia Militar.

Há vários casos que mostram que chamar a polícia militar não acaba com a violência nas escolas, como por exemplo, segundo Rosário (2023), um aluno de uma escola estadual de São Paulo que aos 13 anos de idade, do oitavo (8) ano, atacou uma professora e colegas com uma faca no dia 27 de março de 2023. Infelizmente a professora de 71 anos veio a falecer. Segundo a autora, o aluno tinha problemas com os outros colegas e vinha sofrendo bullying e prometeu se vingar, porém, a escola não imaginava que o aluno cometesse um ato de violência. A escola, assim como os gestores, teve dificuldades em lidar com o caso, não se atentaram que poderia acontecer uma situação de violência e, chamaram por socorro de fora da escola, quando já tinham perdido o controle do caso.

Segundo Oliveira, Dutra e Ludgero (2023) essa atitude da escola faz com que ela perca a identidade e o respeito pois, não são capazes de resolver e se atentar as violências pequenas

do cotidiano e, no final, acaba virando uma grande violência com armas e tirando vidas, afastando a dimensão pedagógica.

O afastamento da dimensão pedagógica ocorre pois há uma necessidade de melhorar o ambiente escolar. Os autores Astrid, E *et al.* (2020), apontam a importância de programas que melhorem o convívio e respeito escolar, pois sem esses mecanismos há muita falta de empatia e paciência com os demais colegas, o que gera brigas e violência desnecessárias.

Segundo Terçariol e Teixeira em entrevista à Miriam Abramovay (2019), é importante criar programas para melhorar a convivência escolar, aproximar os alunos uns dos outros para que tenham menos rivalidades, pois convivem com grupos raciais e étnicos, singularidades e realidades de vidas diferentes uns dos outros, mas, no mesmo espaço escolar.

De acordo com Abramovay e Rua (2003), a escola pode ser um lugar protegido de violência, porém, necessita de profissionais respeitados pelos alunos, e com conhecimento na área de conhecimento da pedagogia. Contudo, cabe ao poder público investir na formação desses profissionais, fornecer reciclagem, como também, executar estratégias para fazer prevalecer o direito e os deveres do professor.

As autoras já citadas anteriormente apontam as seguintes características da escola para combater a violência: (1). Lugar de encontro de diversidade cultural e habilitado para formas criativas de solidariedade. (2). Potencial estratégico para tecer relações com a comunidade, especialmente a família, tendo os pais como parceiros para tal fim. (3). Possibilidade de experimentar medidas de prevenção e de acompanhar tanto a população-foco como as experiências implementadas de políticas públicas. (4). Formação de valores e transmissão de conhecimentos, o que tem prosseguimento nos processos de interação no somente entre professores e alunos, mas também entre os próprios estudantes.

A violência escolar tem prejudicado cada vez mais a saúde e o bem-estar dos professores, assim como dos alunos. De acordo com os autores do núcleo (4) tem aumentado o número de licenças médicas pois eles estão adoecendo cada vez mais porque há muita pressão sobre eles e, com isto, sentem medo ao irem trabalhar e fica difícil a cada dia que se passa atingir as expectativas dos pais e da comunidade.

Segundo Bimbati (2023), em entrevista com professores do estado de São Paulo, foram relatados que a violência escolar teve um aumento depois da pandemia, quando os alunos voltaram presencialmente para as salas de aula. De acordo com os docentes, os alunos começaram a brigar mais entre eles e com os professores. Essa sensação de insegurança faz com que os professores peçam afastamentos, por causa do medo e ansiedade e acreditar que algo possa acontecer.

De acordo com Bimbati (2023), em levantamento com professores, se constatou que 75% deixam a escola por questões psicológicas. Os docentes relataram que sofriam ameaças de alunos e que já foram agredidas sem nem saberem o motivo, por isso estão de licença médica. Em reportagem sobre o massacre na escola Raul Brasil em Suzano, Bimbati (2023), pontua que a professora Jussara Melo, antecipou a sua aposentadoria depois de vivenciar o massacre, sendo que deu aula por 18 anos nessa mesma escola, mas, depois do ocorrido, ficou traumatizada e saiu. Hoje, trabalha fora de escolas como tradutora e revisora de livros. Algumas frases dos entrevistados foram:

Quando saí da sala e vi tudo o que tinham feito com minhas colegas e alunos eu tive certeza que não voltaria pra sala de aula...

Me sentia tão segura lá [na Raul Brasil], pude me realizar profissionalmente e jamais imaginei que minha última aula fosse num dia tão triste.

De acordo com Abramovay e Rua (2003), o cenário dos professores na sala de aula é desconfortável, porque muitos sentem que os alunos lhe faltam com o respeito. E essa condição agrava-se ainda mais nas escolas da rede privada, porque os alunos acham que, pelo fato de pagarem pelo estudo, possuem o direito de enfrentar os professores e funcionários da escola.

Eles se impõem até financeiramente em relação aos professores.

Muitas vezes, eles nos tratam como empregados deles (...)

Nós temos casos aqui de professores que, simplesmente, não conseguem dar aula. (Grupo focal com professores, escola privada, Fortaleza).

Considerações Finais

Foi observado ao longo deste trabalho e, chamou a atenção que os gestores não estão preparados para lidar com a violência. O assédio, o bullying, a violência física e verbal está presente cada vez mais e os gestores não possuem programas ou métodos capazes de identificá-las, antes que aconteça, o que acaba virando uma medida criminal, pois no fim eles sempre chamam o apoio de terceiros.

Essa falta de preparação dos gestores acaba por gerar diversas formas de violência como a distinção de gênero masculino para o feminino dentro das escolas, assédios, bullying, dentre outras e isso acontece porque a própria instituição adota certas regras que fazem com que esses ataques ocorram lá dentro sem ao menos perceberem. Com isso, não apenas os alunos mas também os professores acabam sofrendo com tantos acontecimentos desgastantes o que os leva na maioria das vezes ao afastamento de sua profissão.

De acordo com o G1 Jornal da Globo (2024), no dia dezoito (18) de outubro, em Heliópolis, na cidade de São Paulo, ocorreu mais um caso de violência escolar em que um aluno tirou a vida de dois colegas com uma arma de fogo e logo em seguida se matou. As autoridades, assim como os gestores, não sabem o motivo e investigam o caso. Os protagonistas da violência na maioria das vezes são os próprios alunos. Dessa forma, identifica-se a necessidade de políticas públicas e um investimento maior que adote palestras, atividades e discussões sobre gênero, raça, etnia e assuntos que façam os alunos se aproximarem um dos outros e com isso gerando um ambiente mais satisfatório e prazeroso para os professores.

A violência nas escolas é um assunto cada vez mais presente e, por isso a importância de mais pesquisas nessa área, e foi observado que nenhum dos artigos analisados foram publicados por psicólogos, e sim apenas um desses autores era estudante de psicologia. De acordo com o CFP (Conselho Federal de Psicologia) em 2023, é importante destacar o papel da psicologia dentro da escola frente a violência para se promover e restaurar as relações interpessoais estabelecidas no ambiente escolar, buscando a construção de um ambiente democrático e que preserve e respeite os direitos individuais assim como os coletivos.

Contudo a área de conhecimento da Psicologia possui um papel fundamental nesse processo pois muitos aspectos de seus estudos ajudam a melhorar o ambiente escolar. Segundo o Instituto Ayrton Senna (2023), a Psicologia contribui para a promoção de ambientes educacionais saudáveis e inclusivos, gerando harmonia, usando de estratégias psicológicas focadas nas necessidades socioemocionais dos alunos, criando um ambiente de bem-estar de acolhimento para os estudantes e professores.

Sendo assim, foi observado a importância e necessidade de mais estudos pela psicologia escolar, bem como psicólogas educacionais nas redes de ensino, pois a psicologia possui uma função indispensável nesse contexto de violência escolar, atuando na prevenção com intervenções, promovendo a qualidade de vida do ambiente através de ações como palestras e projetos que elimine os preconceitos e estigmas juntos ao plano político pedagógico para o enfrentamento desse contexto.

Com tudo, de acordo com o CFP (2023) a psicóloga (o) escolar não deve atuar sozinho. Ela deve atentar para a promoção de direitos e proteção integral de crianças e adolescentes. Buscar a intersectorialidade e pela convivência comunitária, promover acolhida e assistência integral.

REFERÊNCIAS

BAHIA, NA. **Estudante mata três colegas em escola na Bahia**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2024/10/18/atentado-escola-heliopolis.ghml>>. Acesso em: 25 out. 2024.

A PSICOLOGIA NA PREVENÇÃO E ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS NOTA TÉCNICA CFP Nº 8/2023. [s.l: s.n.]. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2023/05/nota-tecnica-violencia-nas-escolas.pdf>>. Acesso em 24 set. 2024.

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. **Violências nas escolas: versão resumida**. Brasília: UNESCO / Instituto Ayrton Senna / UNAIDS / Banco Mundial / USAID / Fundação Ford / CONSED / UNDIME, 2003.

ASTRID, E. et al. Assédio escolar em adolescentes: papel, tipo de violência e determinantes. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 54, p. e03625, 26 out. 2020.

BIMBATI, Ana Paula. **“Tenho medo de o aluno me agredir”: violência afasta professores da escola**. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/noticias/2023/04/12/violencia-afasta-professores-sala-de-aula.htm>>. Acesso em 23 set. 2024.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Art. 205.

CECÍLIA, M.; MINAYO, S. **CAPÍTULO I CIÊNCIA, TÉCNICA E ARTE: O DESAFIO DA PESQUISA SOCIAL**. [s.l: s.n.]. Disponível em: <https://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1428/minayo__2001.pdf>.

CUSTÓDIO, ALINE. **Escola de ensino fundamental de Capão da Canoa proíbe meninas de usarem roupas curtas**. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/educacao/noticia/2022/09/escola-de-ensino-fundamental-de-capao-da-canoa-proibe-meninas-de-usarem-roupas-curtas-cl7zdplz200ej0179dpabeb0q.html>. Acesso em 17 set. 2024.

Gil, Antonio, **Como elaborar projetos de pesquisa**, São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, Arilda. **INTRODUÇÃO À PESQUISA QUALITATIVA E SUAS POSSIBILIDADES**. [s.l: s.n.]. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rae/a/wf9CgwXVjpLFVgpwNkCgnnC/?format=pdf&lang=pt>>.

JESUS, Antonia. A escola através dos tempos. **Brasil Escola**, 2022. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-escola-atraves-dos-tempos.htm>. Acesso em: 23 Maio 2023.

Lakatos, EM; Marconi, Ma, **Fundamentos de metodologia científica**, São Paulo: Atlas, 2010.

MARCONI, Marina de A. e LAKATOS, Eva Maria. Técnicas de Pesquisa: pesquisa, planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa elaboração, análise e interpretação de dados. 4ª ed. Revisada e ampliada São Paulo: Atlas, **1999**.

MINAYO, M.C.S. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 10. ed. São Paulo: HUCITEC, **2007**. 406 p.

OLIVEIRA, V. C. DE; DUTRA, N. M.; LUDGERO, L. F. Temos projetos e temos polícia: a visão dos diretores sobre as estratégias de prevenção à violência em contexto escolar. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 104, p. e5342, 3 jul. 2023.

PEDR'ANGELO, M. **O papel social da escola e como isso é ensinado aos alunos**. Disponível em: <<https://unicus.com.br/o-papel-social-da-escola-e-como-isso-e-ensinado-aos-alunos/>>.

PIGOZI, P. L. A produção subjetiva do cuidado: uma cartografia de bullying escolar. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 28, n. 3, 20 dez. 2018.

Prevenção à violência nas escolas. Disponível em: <<https://site.cfp.org.br/prevencao-a-violencia-nas-escolas/>>.

ROSÁRIO, M. **Aluno esfaqueia e mata professora em ataque a escola em SP**. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2023/03/morre-professora-esfaqueada-por-aluno-em-ataque-a-escola-em-sp.ghtml>>. Acesso em: 2 set. 2024

SCHRAM, Sandra. BATISTA, Marco. O PENSAR EDUCAÇÃO EM PAULO FREIRE, Para uma Pedagogia de mudanças. [S.I.:S.n.], [s.d].

SENNA, I. A. **Contribuições da Psicologia Dentro do Ambiente Escolar**. Disponível em: <<https://institutoayrtonsenna.org.br/psicologia-dentro-do-ambiente-escolar/>>. Acesso em 23 set. 2024.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia do Trabalho Científico. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, C. G. DA et al. Dimensões do assédio na escola: diálogos sobre gênero com jovens estudantes de ensino médio de São Paulo/Brasil. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 27, p. e210649, 1 maio 2023.

TERÇARIOL, Adriana, TEIXEIRA, Rosiley. Violências na Escola, sob o Olhar de Miriam Abramovay. **Dialogia**, n.32, p. 4-9, 2019.

Violência nas escolas tem aumento de 50% em 2023. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-11/violencia-nas-escolas-tem-aumento-de-50-em-2023>>.

XAVIER, L. A docência entre o ideal republicano e as violências do cotidiano. **Educação e Pesquisa**, v. 47, 2021.